

MEMORIAS

DA

ASSOCIAÇÃO

CULTO A' SCIENCIA.

N.º 11.

S. PAULO.—JUNHO.

1861.

A DAMA DO LAGO.

(Continuação)

IV.

A scena que acabamos de pintar não é mais que o preambulo, o exordio, que o poeta faz preceder ao desenvolvimento de seu poema. Poderíamos, e era talvez conveniente, passar ligeiramente sobre ella, e marchar direito ao assumpto principal do poema; entretanto muito de proposito demoramo-nos ali: um sentimento inexplicavel, uma especie de deliciosa saudade nos detinha: fluctuavão em nossa lembrança scenas iguaes, que tantas vezes presenciavamos na boa e bella provincia de Minas. «Dôce reflexo dos tempos d'outr'ora!»!—Desculpe-nos o leitor a puerilidade.

O castello banhado pelo Katrine é o ponto de reunião, ou antes o palco, em que Walter Scott faz apparecer successivamente seus heróes. Dizer qual entre estes é o primeiro, seria tarefa difficil: Walter Scott tem o dom de tornar importantes todos seus personagens; se por instantes damos primazia á um, bem depressa o espirito vacilla e concede sympathia á outro. São como as sombras dos descendentes coroados de Banquo, que se elevão ante os olhos de Macbeth; ou como as angustas sombras dos antigos guerreiros e sabios, que o *Satan* de Byron evocca da região dos mortos e offerece ao *carcunda*, para involucro de sua alma.

E' tambem no castello do Lago Katrine que Walter Scott prepara o poema, descreve os heróes e distribue entre elles os papeis. Seria longo e quasi impossivel acompanhar o poeta em todos seus cantos: o curto espaço deste jornal permite-nos apenas apontar as scenas, que mais impressão nos fizerão.

Qual deve ser a intenção do romancista? é exprimir em uma fabula interessante uma verdade util, diz Victor Hugo. Este principio applica-se tambem ao poema: Walter Scott não olvidou aquelle preceito; ao historico une sempre o interesse puramente ideal, romantico. Roderick—o guerreiro indomito—que conduzia sempre victorioso o pinheiro do Clan d'Alpine entre o incendio, a carnificina, destruição e morte; Roderick, que só respirava o horror da guerra, e cujo peito se inflammava de nobre coragem ao escutar os mavorsios hymnos de sua tribu, vem cahir vencido aos pés da gentil Helena, qual nos pinta a fabula o invencivel Hercules aos pés de Omphale.

Helena recusa entretanto carregar de cadeias os braços, que lhe offerece escravo o chefe montesino: cauzão-lhe horror aquelle bravo aspecto, e o recontar de mil batalhas; volve timida os olhos, e nesse olhar implora protecção e auxilio ao seu amoroso Malcolm; este *ergue-se e acode de prompto, a fim de a sustentar e dirigir-lhe os passos incertos*. Nada de mais sublime que o desespero, o despeito e ciume, com todo o cortejo de seus horrores, que

perpassão pela frente sombria de Roderick, vendo preferido seu rival. Scintillando em chammas, medonho o gesto, brada em colera:—«Arreda! afasta! para tras, mancebo imberbe... presta eternas graças á este tecto hospitaleiro; á Douglas; e á sua filha se me vês differir o justo castigo que merece a tua presumpção!» Já os guerreiros desembainhavam as espadas, e ameaçavam travar a lucta, quando avança o venerando Douglas: «Guerreiros! diz, suspendei! proclamo meu inimigo, para sempre, aquelle que primeiro se attrever á descarregar um só golpe! insensatos! abjurai essa ira frenetica! sus! basta! por ventura decairia Douglas em gráo tão baixo, que a dextra de sua filha seja encarada como o premio vil de uma lide vergonhosa!»—Cahem por um só movimento as armas, e á colera succede a confusão.

Um estudo superficial poderia fazer acreditar que a intenção do poeta estava em pintar o amor apaixonado do guerreiro, que tinha quasi indurecido a alma no ardor dos combates.

Um defeito talvez ali exista, pois o talento com que o poeta descreve esse episodio offusca algum tanto a importancia do principal objecto do poema, que julgamos ser a lucta dos Saxonios e Gaellos, estes representados na pessoa de Roderick, e aquelles pelo cavalleiro de Snowdon Fitz-James;

Mas o escriptor encontra sua justificação no preceito citado de Hugo: por quanto esse amor ardente, violento, do guerreiro, e a figura angelica de Helena no meio dos combates, formão o laço, que prende o espirito do leitor, o qual se cansaria bem depressa com a esterilidade da historia: é o vivificante orvalho que desce sobre as flores crestadas pelos ardentes raios do sol.

V.

O grito de guerra retumba pelos valles e montes: é que os habitantes dos plainos marchão desafiando ao combate seus adversarios. Allan—Bane o menestrel vibra as cordas da harpa; mas que!

harpa do Norte, que entoára sempre hymnos de victoria, hoje só impelle melancholicos, tristes e funereos sons... Negros e sinistros são os prognosticos! Brian—o sacerdote propheta prescruta o futuro nas entranhas do touro sagrado, e lê gravadas com igneo cinzel as seguintes palavras.

« Quem o sangue primeiro derramar,
« Na rija lide deve triumphar.

Mas as tribus do Clan d'Alpine não conhecem obstaculos; confião mais na força de seus braços do que na voz do oraculo. De mão em mão passa a cruz—signal do combate, e tremulando no alto das montanhas chama ás armas os valentes serranos. Um filho chora juncto ao feretro seu pai que perdéra; mas ao longe distingue a cruz—symbolo da guerra: é a patria que acena lhe; enchuga as lagrimas e corre offegante a defendel-a. Um mancebo transpõe as portas do templo, conduzindo pelo braço o terno objecto de seus enleios e encantos—sua esposa amada; mas retinellhe aos ouvidos os échos longinguos da patria, e eil-o que abandona em meio a festa das bodas, e troca as vestes do noivado pela couraça do guerreiro.

Era assim que os povos da Grecia corrião á defender os seus lares no tempo dos Themistocles, dos Aristides e Demosthenes. Maldição sobre aquelles que dormem indifferentes aos doridos arrancos da patria agonisante!

Para esses—maldição! que o leito cavão
Em lodaçal corrupto!
(AZEVEDO.)

Ha belleza, por certo, alguma cousa de homerico talvez na hospitalidade que presta Roderick á Fitz—James o habitante dos plainos. Mas o que não é justificavel é essa lucta, em que o chefe dos Gaellos succumbe ante a força e agilidade do Saxonio, que não é outro sinão o proprio rei desfarçado. Poderse-ha acreditar por ventura que um rei, entregue a molleza, á devassidão e orgia—como soem ser todos—podesse sobrepujar um bravo guerreiro, cujo braço na hora do combate fazia recuar espavoridas as phalanges inimigas?!

Incontestavelmente bella é a apparição que suspende os passos do perigrino Saxonio no cimo das montanhas. Branca de Devan—a louca jaz sentada juncto as bordas de um precipicio ; macillenta a face, os olhos vacillantes e incertos, tem coroada a fronte com grinaldas de flores sylvestres. Vendo as vestes usitadas nos plainos passão-lhe pela mente confusas idéas de um tempo de melhor ventura, que sonhára então ; um riso solta insensato, e entre lagrimas desprende a voz rouca, sim ; mas melancholica e triste. Citaremos o appo- logo :

« As selvas, e bosques,
« Florestas, e prados,
« Galhardos monteiros
« Percorrem armados.

« Ali... sob o matto
« Sombrio, copado
« Se eu prestes não fôra
« Me havião mattado :

« Mas ainda ligeira
« Que tarde fugi !
« A setta lancada
« No corpo a senti.

« Meusangue correndo
« Os campos matisa,
« As agoas turbou
« Que a fonte desliza.

« Os servos do prado
« Já novas tiverão
« Do sangue vertido,
« Do mal que fizerão.

« As selvas largando
« Deixarão campinas ;
« Escondem-se além
« Naquellas collinas.

« Avante....comigo....
« O perigo evitemos....
« Além, um asilo
« Por certo acharemos.»

Assim conseguio
A Fada evitar
Monteiros, que o servo
Já buscão matar.

Lá, junctos, caminhão
Os campos deixando,
Monteiros sem cassa
Se vão retirando.

Ha muita analogia entre Branca e Ophelia de *Shakspeare*. Que doce e mavioso seismar não se apodera d'alma,

e arrebatá-nos a imaginação, vendo vaporosa e aerea ondear sobre as vagas do mar Ophelia—a louca! E' nossa crença que a amante de Hamleto inspirára o nosso poeta, quando diz :

E a vaga crescia seu corpo banhando,
As candidas formas movendo de leve !
E eu vi—a suave nas agoas boiando
Com soltos cabellos nas roupas de neve !

Nas vagas sonhando
Não durmas assim ;
Donzella, onde vaes ?
Tem pena de mim !

E a imagem da virgem nas agoas do mar
Brilhava tão branca no limpido véo !
Nem mais transparente luzia o luar
No ambiente sem nuvens da noite do céu !

Nas agoas do mar
Não durmas assim !
Não morras, donzella,
Tem pena de mim !

Finalmente Walter Scott pinta-nos com arte admiravel o desenlace do poema. São dous quadros : em um a luz, a felicidade ; no outro as trevas, a morte. De um lado Roderick espira embalado pelos mavorsios cantos que entôa o menestrel ; de outro lado Helena lança estreitas, mas doces cadeias sobre os braços de seu caro Malcolm. E' a vida e a morte, o tumulo e as flores.

Terminamos aqui. Muitas considerações poderíamos ainda fazer ; poderíamos mostrar que Walter Scott creou um novo genero para o romance, superior ao genero narrativo e ao de cartas, até então empregados pelos escriptores ; mas de tal tarefa escuzamo-nos, pois Victor Hugo já o demonstrou.

Poderíamos mostrar tambem que embora collocassemos mui alto a Dama do Lago entre os poemas, comtudo não deixava de ter os seus defeitos ; apontaremos a seguinte passagem, que mais impressão nos fez. Douglas, que o poeta descrevera como o ancião venerando, que contava em seu passado mil batalhas e victorias, desce do pedestal glorioso á que se elevára, e vem agitar as turmas e promover uma commoção popular, e isto por causa de ter sido espancada Lufra—sua ligeira galga. E' a

mesma censura, que já vimos algures á Camões por ter descido Vasco da Gama —o grande capitão—ao papel de um chatim de pequeno tracto, sollicitando despachos da fazenda e a troca de generos etc. Mas Victor Hugo encarrega-se de justificar ainda o poeta: «A vida não é um drama bizarro, em que se misturão o bom e o máo, o bello e o feio, o alto e o baixo, lei cujo poder não espira senão onde pára a criação? Dever-se-hia compor, como certos pintores flamengos, quadros inteiramente tenebrosos, ou, como os Chinezes, quadros completamente luminosos, quando a natureza mostra por toda parte a lucta da sombra e da luz?»—Ora o poema deve ser semelhante á vida, como a imitação ao modelo. Calem-se pois os criticos que é justamente ali onde existe o maior merito do poeta.

S. Paulo 12 de Maio de 1861.

João Carlos de Araujo Moreira.

Ligeiras considerações sobre a revolução de 1842, em Minas Geraes.

Vigoroso odio á anarchia: terno e profundo amor ao povo.

(VICTOR HUGO.)

O aspecto politico do Brazil antes de 1842, a pressão em que se achava esta parte da America nesse tempo, chama naturalmente a attenção d'aquelles que são amigos de seu paiz á estudar desapassionadamente os factos historicos, sem attender á crenças politicas, pois não são poucas as vezes que temos visto pisado aos pés o irresistivel criterio da historia, não são poucas as vezes que temos visto o nome d'aquelles que em 42 pegarão em armas a favor da garantia de seus direitos individuaes condemnado, perante o tribunal dos que esquecidos da memoria de nossos avoengos, não hesitarão em chamar anarchistas e demagogos homens, que em tempos

mais felizes merecerião a corôa de um Cesar, de um Catão. Triste condição é a d'aquelles que, escarnecendo do movel utilitario, collocão-se sob a protecção do estandarte da liberdade!..... A ignorancia, a hypocresia, a loucura, tudo lhes é attribuido como uma pena que se lhes impõem por ter commettido o crime de ser amigos de seu paiz, de ter concorrido para o melhoramento de suas instituições.

Tal é a posição critica em que se achavão os revolucionarios de 42. Os seus antagonistas os calumnião de terem rebellado contra a forma de governo de que resa a constituição sem attenção aos episodios que anteriormente á esta epocha se passavão no Brazil. Que julguem os nossos vindouros. Que a geração futura em recompensa á actos tão gloriosos derramem sobre seus tumulos saudosas lagrimas.

Os episodios interessantes passados antes da era da revolução conduzem—nos á um estudo, ainda que breve, daquillo que se passava na capital do Imperio, e dos factos politicos que mais concorrerão para o desfeixo de semelhante drama.

Era uma daquellas fases, em que se rompe a união entre o elemento democratico e aristocratico, cuja harmonia constitue a belleza dos governos Constitucionaes: era uma d'aquellas fases, em que o governo, exorbitando as raias traçadas pela Constituição pisava, em sua desenfreada carreira, todas as medidas suggeridas pela utilidade publica; seus projectos erão todos, como se exprime o desapassionado historiador selados com o cunho da inconstitucionalidade, do arbitrio e da provocação; o desespero e exacerbação espalhou-se por todos os animos. Então a urgente necessidade de uma revolução,—unico meio de garantir os nossos direitos individuaes,—pesava eloquente no espirito de todos, e o brado unanime de uma revolução estendeu-se de um á outro extremo da provincia. A dissolução da camara, e o adiamento da assembléa provincial, indicarão com bastante evidencia que as pretenções do ministerio de

Março erão todas hostis e tendentes á suffocar as idéas liberaes, que se achavão arraigadas nos animos dos briosos habitantes de Minas ; mas não é só isso. Estes factos que só produzião conjecturas, bem depressa trouxerão aos animos dos Mineiros convicção intima de que as intenções do ministerio erão flagelal-os com a politica do azorrague, da perseguição e oppressão. Era chegado o tempo em que a provincia de Minas necessitava de um administrador que acalmasse os animos de seus habitantes já, ha muito, exacerbados pelas violencias e insultos dirigidos pelo governo, quando para cumulo de desgraças é nomeado Presidente Bernardo Jacinho da Veiga, cujas intenções são bem conhecidas por todos, para que seja preciso narral-as. A Assembléa Provincial foi adiada para Novembro : o Presidente recomendára ás autoridades perseguir com energia o partido liberal ; o segredo das cartas era descaradamente violado, e a propria vida dos cidadãos se achava em perigo, como prova o Snr. Padre Marinho com factos incontestaveis. Tornou-se inevitavel uma revolução, que lhes assegurasse seus direitos, e mesmo sua propria vida contra as injustas aggressões do governo.

E' nesta ocasião que os seus perseguidores lhes attribuirão o epitheto de violadores da constituição, quando elles por ella ião ver seu sangue jorrar pela terra. E' nesta ocasião que os governistas lhes imputão rebellião contra a corôa, quando é certo que só tinham em vista garantir os seus direitos, e salvar a corôa das imputações que sobre ella fazia cahir um governo detestavel ; mas quem quer que seja, que olhar as couzas desapaixonadamente, verá que os nossos revolucionarios de 42 erão monarchistas de coração ; que suas pretensões limitavão-se em repellir com energia as hostilidades do governo.

O tempo decorrido de 10 de Junho á 20 de Agosto de 1842, dia em que os liberaes virão frustrados os seus planos na batalha de Santa Luzia, nos mostra com bastante precisão quaes erão os limites de suas pretensões

A victoria de Queluz, de Sabará, o successo de Lagoa Sancta, elles contavão, não como um passo dado para uma nova forma de governo, mas como uma pena imposta ao governo em virtude de suas atrocidades. Os brados dados ao Imperador no meio dos combates, entre o retinir dos golpes e o fuzilardas espadas, bem o indicão ; e triste do Brazil, se os projectos dos revolucionarios fossem tão amplos ; triste do Brazil, se os revolucionarios de 42 não fossem monarchistas de coração. Então prostrados perante o altar da patria não entoarião hosana á seu monarcha. Então não farião ouvir suas supplicas pelos degrãos do throno, pedindo justiça e misericordia contra estes salteadores da liberdade humana.

Acabava de realisar-se para os liberaes no combate de Santa Luzia o espectáculo mais horroroso que o homem póde encontrar no decurso de sua vida politica.

Vencidos, muito embora com dignidade, erão ludibriados pelo exercito conservador que se compunha em geral da classe mais degradante da sociedade. Suas propriedades, suas familias ; mesmo as suas proprias vidas, tudo estava em perigo, como se elles tivessem commettido hum delicto, cuja reparação exigisse tão grandes sacrificios. Não era tudo. As perseguições do exercito conservador chegarão até o culto da propria Divindade. Postados dentro da Matriz, theatro de suas atrocidades, fazião jorrar pelas ruas publicas o sangue de seu semelhante, sem o devido respeito a Padroeira do lugar que collocada em um dos altares parecia ter condemnado estes barbaros que se assemelhavão mais á especie humana por suas formas que por suas faculdades, ao desespero eterno e a sêde ardente de sangue. Parecia que os manes das gerações passadas erguião-se dos tumulos para protestar em nome da Divindade irritada, contra estes barbaros, que a-cobertados com o manto da lei, postergavão os direitos mais sagrados do homem ; e desconhecião os sentimentos mais profundos do coração humano.

Taes são os resultados a que levão os furores da guerra civil.

(Continúa.)

Francisco Carlos de A. Reis.

JOSÉ BAZILIO DA GAMA.

Rejouis-toi d'entendre le poète
auquel le Ciel accorde le don du
chant : c'est un Dieu qui l'anime
et pour ceux qui l'écoutent il
doit être Dieu.

SCHILLER, (Trad. Marmier.)

Em todos os paizes consagra-se aos poetas um culto verdadeiramente sublime, é uma especie de religião nascida espontaneamente das massas do povo; e neste culto ao poeta revela-se o respeito e a veneração para tudo que é grande, nobre e bello. E' ao menos, como diz Victor Hugo, um sentimento sincero de admiração, de entusiasmo e de gratidão, pois deve-se gratidão aos homens cujas obras fazem palpitar nobremente o coração. Até nessa mercantil Inglaterra a poesia tem seus idolatras. Nas fabricas e estaleiros deste paiz cantarolêão os operarios alguns desses cantos repassados de ironia e de dôr do Bastardo do Ricardo Savage, ou repetem um desses trechos ardentes do seu favorito Shakspeare. O verdadeiro portuguez pronuncia com um religioso respeito o nome immorredouro de Camões;—é o tributo de uma bem merecida gratidão ao cantor dos Lusíadas que eternizou o nome de seu paiz. Fallai-lhe de João de Lemos e Palmeirim e elle se encherá de um legitimo orgulho. O hespanhol ao ouvir pronunciar-se o nome de Ercilla e Martinez de la Rosa enche-se de um entusiasmo fecundo de louvores á esses dois astros do horizonte litterario da Iberia. No coração de cada italiano ha um altar erguido ao culto dos poetas de seu paiz. Qual o florentino que não conhece o Dante, e não tem na memoria alguns topicos da Divina Comedia? O barqueiro napolitano ao atravessar a magestosa bahia de Parthenope em uma dessas noites de luar do Sul da Italia vai

repetindo essas cantigas amorosas do cantor desafortunado de Sorrento. Quem no tremor e entrepausado da voz não vê o sentimento que lhe afoga a alma, tocada pelo magico condão do poeta?

Torquato Tasso era poeta; derramava no pergaminho em versos ardentes o que se lhe passava por dentro d'alma: sentia. Quem lhe repetia as trovas tambem devia sentir; o sympathico desterrado de Jersey já o disse: *voulez-vous émouvoir, soyez ému; pleurez, vous tirerez des pleurs.* O poeta é o feliz iniciado na linguagem do sentimento, e onde ha sentimento elle é sempre comprehendido. A Allemanha venera o seu Goethe, o seu Klopstock, e o seu Schiller—o paiz da musica e do canto não podia deixar de prestar culto á seus poetas. Ahi, diz Marmier, a humilde familia do burguez que, ao domingo, foi se repousar das fadigas da semana sob a folhagem de um *Lustgarten*, não volta á sua casa sem entoar alguma canção de Uhland posta em musica por Strauss. Qual o francez que no seu orgulho nacional não eleva aos céos o seu dilecto Beranger? Quereis uma prova do culto que se lhe consagrava? Os ultimos officios que lhe prestou Pariz. (1) Muitos poetas é verdade tem soffrido na vida; muitos a sociedade tem matado, negando-lhe os meios de viver segundo as condições de sua natureza, mas se ella os mata ella mesmo os faz ressuscitar, e eternos vivem na memoria dos povos, nas vozes alti-sonas do porvir. Camões e Chatterton estão vingados. O *Camões* do Visconde de Almeida Garret e o *Chatterton* de A. de Vigny levantarão-lhe gigantescos monumentos que a mão do tempo não pode esbroar. Macaulay lavou Milton das injurias dos seus contemporaneos, e V. Hugo fez de Ymbert Galloix o symbolo de uma grandiosa idéa. Pode tambem com orgulho dizer o verdadeiro poeta—Posteridade, és minha!. Elle é o ente iniciado na linguagem do sentimento, e onde quer que haja o sentimento elle é sempre comprehendido. P. Leroux o disse: elle é o representante do sentimento na humanidade.

(1) O seu enterro aos 26 de Julho de 1856

Nós brasileiros temos também nossos poetas; nas galerias de nossa historia são já notados vultos eminentes: José Basilio, Durão, S. Carlos, Padre Caldas e outros; esses que, como diz o Sr. Castilho (Antonio), não provárão as delicias da terra da promissão, mais conduzirão para lá o povo por meio do deserto e, como o capitão propheta dos hebreus, expirárão depois de lh'a ter mostrado.

Entre os vultos litterarios de hoje destacão-se dignos de admiração e de respeito os Srs. A. Porto-Alegre, Gonçalves de Magalhães, J. M. de Macedo e Gonçalves Dias. O Colombo; a Confederação dos Tamoiros ou antes a só ode de Napoleão em Waterloo; os Tymbiras; e a Nebulosa recordão-nos o Uruguay; o Caramurú; a Assumpção; e o Homem Selvagem e a Immortalidade da Alma—essas duas odes brilhantes de fundo e de forma do nosso Klopstock, o P. Caldas. Como é bello este transporte de religião e de crença que domina em todas as poesias sacras desse Bardo Nacional!

E nesta composição cheia de fogo e de fé a Immortalidade da Alma—como enleva-se em um santo arroubo essa imaginação brasileira!..

Um Deus de amor m'inflamma:

E ja no peito meu mal cabe a chamma
Que docemente o coração me abraza.
Eu voo para elle: elle só pode
Minha alma sequiosa do infinito
De todo saciar:...

Souza Caldas ao contemplar a natureza luxuriante de seu paiz sentio n'alma a gratidão, o respeito o temor e a adoração para com o Creador; o seu espirito lançou-se nesse entusiasmo, nesse transporte que é a inspiração que Consin chama—verdadeira revelação. (2) Então o poeta é como que o confidente, o interprete de Deus. E' ahi que se deve procurar o fecundo manancial das composições sacras de Souza Caldas. Com effeito o Brazil encerra em seu seio uma forte vitalidade intellectual; se não tivéssemos no nosso passado e presente essa pleyade luminosa de engenhos que notamos, só

(2) 2.^a serie, t. 1, licção VI. Das grandes epochas da historia.

o illustre José Basilio seria de nossa asserção prova exuberante. Cada paiz, dicemos, presta á seus poetas um culto sincero de admiração e de respeito; não queiramos nos constituir triste excepção; não demos jus á que se nos lance em rosto o crime torpe da ingratidão. . . Gloria aos filhos illustres da terra de Santa Cruz! seja o brado generoso da geração actual. Como a symbolica figura de Jano a mocidade deve olhar de um lado para o passado e de outro lado para o futuro, disse E. Pelletan;—no passado nós brasileiros temos vultos gloriosos: veneremos sua memoria; no futuro antolhão-se nos esperanças lisonjeiras: saudemol-as com jubilo!. A justiça e os louvores da posteridade são um poderoso estimulo para novos engenhos. Entre os nomes de que muito legitimamente deve gloriarse o Brasil destaca-se o de José Basilio da Gama. Poeta na accepção verdadeira da palavra—legou-nos no Uruguay um titulo de orgulho, um padrão de glorias. Devemos lhe muito; não será de certo a tosca penna de um pobre neophyto das letras que satisfaça a grande divida da patria,—só o faria condignamente um Santiago Nunes ou um Norberto. Para uma memoria tão illustre só apotheoses dessa origem. O culto que se deve á memoria de Basilio da Gama, e o reconhecimento em que se lhe deve estar levárão-me a escrever estas linhas, sem mais pretensão do que dar uma noticia da vida e producções desse genio brasileiro.

Para o pagamento da divida da patria contribúo de bôa vontade com o meu mesquinho obolo; á outros a sua generosa satisfação. Pudesse quem traça estas linhas, subindo á altura do illustre escriptor das *Recordações e Saudades* (3), dar também sua esmola para os mortos, sua esmola para o passado!. « Dormi, soberbos vultos, dormi á sombra dos templos. Talvez a voz de um poeta um dia saiba cantar todas as glorias da patria e aprendel-as no vento que embalança a ramagem das florestas virgens ou no estrepito das aguas de tanto rio gigante! »

(3) Iris, n.^{os} 1.^o e 2.^o

E' esse o meu desejo, é essa a minha esperança.

Direi á final com o poeta:

Ditoso o que n'um frio esquecimento
Não deixa sepultar a patria gloria.

Foi em um pequeno arraial dessa Provincia de Minas, tão fertil de homens illustres, que nasceo no anuo de 1740 José Basilio da Gama: pouco antes talvez tinha nascido na Cata-Preta poucas legoas ao norte da antiga cidade de Marianna Fr. José de Santa Rita Durão. Minas deve orgulhar-se de ter sido o berço dos nossos dois primeiros epicos—os cantores do Uruguay e do Caramurú.

Orphão de pai logo na sua infancia vio José Basilio da Gama aos primeiros lampejos da razão o quadro de sua vida cheio de sombras, o seu futuro prenhe de incertezas. Sua pobre mãe achava-se atirada nos braços da miseria, e isso quando as minas de oiro de seus sertões loqupletavão os erarios d'alem-mar!. Cedo curtio o nosso poeta dissabores, cedo experimentou os amargores da sorte. Estas tristes circumstancias tiveram grande influencia no destino de José Basilio, fizeram com que, em busca de um futuro para si e sua familia, se lançasse com todo vigor, com uma constancia varonil na carreira das lettras. Dedicado corpo e alma aos estudos atrahio a sympathia de um religioso de S. Francisco que se offereceo á pobre viuva para leval-o comsigo para o Rio de Janeiro. A fortuna apresenta-lhe uma face mais bella, e um futuro mais lisonjeiro se lhe desvenda.

Chegado ao Rio de Janeiro, o mancobo esperançoso de S. José do Rio das Mortes é acolhido com benevolencia pelos Jesuitas que nelle veem um futuro ornamento da sua poderosa ordem. Cursa com distincção as aulas por elles dirigidas, na companhia de Alvarenga Peixoto, porem com o desterro e desnaturalisação dos sectarios de Loyolla por decreto do energico ministro de D. José 1.º, interrompendo sua brilhante carreira religiosa, vio-se obrigado á continuar seus estudos no Seminario do Rio de Janeiro. Morto o seu protector—o heróe

do Uruguay—o illustre General Gomes Freire de Andrade, acendeo-se-lhe o desejo de percorrer as regiões transatlanticas de que tinha tão maravilhosas noticias. Dirige-se á metropole, á patria de Camões, e d'ahi passa à Roma, a séde veneranda do chefe da Igreja Catholica. Senta-se, como Chateaubriand, sobre as ruinas do Capitolio, e então perpassa-lhe pela mente o phantasma das grandezas romanas: vê a Roma dos Fabricios e Cincinnatos, de costumes severos e de dedicações patrioticas; e vê o triste contraste na Roma devassa dos Cesares—sujeita aos caprichos de uma soldadesca infrene, observa então o scepticismo na philosophia, a degradação nos costumes, e a tyrannia na politica. Na Roma catholica o mesmo contraste: S. Pedro e Alexandre Borgia, o papa incestuoso. Vê em um pontifice em vez de um sectario da paz um guerreiro audacioso. E' Julio II á quem, como diz um escriptor, melhor competia a gorra de um soldado do que a thiara pontificia: só visitava seus povos rompendo fileiras e entrando pelas brechas das fortificações—suas bullas erão propostas de capitulação—Taes erão os successores dos pescadores da Judéa! No tempo do Borgia, Roma era a cidade das bachanées, não se dobrava perante o altar da Virgem, incensava as Lais; thuriferarios de Venus esquecião-se os sacerdotes da continencia que jurarão, ou da moralidade publica que mais particularmente se lhes era confiada. No tempo do pontifice—soldado, Roma estava toda entregue á preparativos bellicos; no Vaticano discutia-se projectos de morticinio, e não se curava dos interesses espirituaes dos Catholicos.

Diante do espetaculo que se lhe antolha à imaginação da Roma pagã e da Roma christã, com suas bellezas e suas sombras—o espirito de José Basilio soffre as mais contrarias impressões; sua attenção então se divide entre as ruinas de um grande povo, justamente cognominado—rei, e a vida sensual dos filhos da Hesperia. Depois se reconcentra o genio brasileiro, e no silencio, e immobildade da contemplação deixa ás ma-

ravilhas da arte moderna actuar sobre elle pacificamente, e absorve-se na admiração dos prodigios do escopro de Miguel Angelo e do pincel de Raphael. Então, á vista desses portentos da arte que apparecem de seculos em seculos como de espaços em espaços as palmeiras dos desertos lybicos, o talento de José Basilio da Gama se desinvolve e s'expande sob o influxo generoso do céu da terra de Virgilio, de Raphael e de Petrarca. Quem ao aspecto da Niobe das nações (4) não sentiria o coração bater com o impeto do enthusiasmo?.. Se o frio Goethe dentro dos muros de Roma esqueceu-se de sua individualidade para se atirar nos braços da admiração, o que faria o filho dos sertões de uma colonia que de Roma sabia só stupendas maravilhas?!. Foi uma refrega de continuas emoções para um coração virgem das impressões de ruinas, de grandezas humanas, e de trabalhos da civilisação.

Os meritos de José Basilio da Gama lhe grangearão um lugar na Arcadia Romana sob o nome de Termino Sepilio. Dizem que nesse tempo concebêo o plano do Uruguay. Desconhecemos os motivos porque deixou Roma, a cidade de seus encantos e voltou para sua terra natal, depois de ver Napoles e tocar em Lisboa. De volta ao Rio de Janeiro uma horda de invejosos se levanta contra o illustre poeta como para fazer-lhe pagar caro a fama de seu nome. A intriga e os mais vis manejos conseguirão chamar sobre elle as vistas desconfiadas do Tribunal da Inconfidencia. Foi remettido para Portugal como ex-jesuita e ahi ferido com o degredo para a Costa d'Africa. Teria o poeta brasileiro de ir chorar a sua sorte, arrastando pezarosamente os seus dias, si a sua lyra muda e fria para com as suas desgraças não soluçasse uma prece, pedindo para ellas um termo.

Com effeito um epithalamio offerecido á D. Maria Amalia, filha do grande Marquez de Pombal, conseguiu que o poeta

não fosse degradado para as arenosas praias d'Africa.

Eu não verei passar teus doces annos
Alma de amor e de piedade cheia:
Esperão-me os desertos africanos
Aspera, inculta e monstruosa areia:
Ah! tu faze cessar os tristes damnos!

Foi então que Basilio da Gama deu ao publico o seu poema—Uruguay. Nessa grandiosa epopéa o illustre poeta plantou com mão firme o marco divisorio entre a nossa litteratura e a portugueza. Não respira, é verdade, essa composição esse amerecanismo selvagem de Gonçalves Dias nem o patriotismo *caboclo* do Junqueira Freire, mas nella se vê toda originalidade brasileira. O poeta inspirou-se na magestade da terra das serranias verde-negras e elevadas á romperem os céos e dos rios caudalosos e gigantes á bracejarem com o Atlantico e exornou seus cantos com as gallas esplendidas de uma natureza virgem. Onde ha o grande e o bello, apparece logo a poesia, disse um illustre litterato portuguez: pela consequencia a mais logica possivel o Brasil devia ver rebentar de seu seio uma poesia nova—interprete das grandezas da terra. Um povo sem litteratura é uma personagem muda no drama da humanidade, é um pensamento de Stael. Basilio da Gama fez fallar o Brasil com uma linguagem altiva e nobre no canto de vingança do Indio junto aos ossos dos seus e melancolica e terna no amor da Americana. E' Cepé e Lindoya. Já dicemos que o nosso fim é dar uma simples noticia da vida e produções de José Basilio; estamos muito longe de pretender apresentar um trabalho critico-litterario. O poeta que soube crear Cepé—este typo litterario que não cede o passo aos mais brilhantes da litteratura européa, e soube introduzir em seu poema o triste episodio da senhoril Lindoya—tão melancolico e repassado de saudades como o da Ignez de Castro de Camões—merece corôas de glorias e o respeito do mundo litterario.

O americano, diz Ferdinand Denis, escuta com melancolia, uma tristeza lenta se pinta muitas vezes em seu olhar,

(4) Byron Childe Harold's pilgrimage. Canto IV. LXXIX.

se elle falla sua voz é baixa e suas palavras tem um accento queixoso. Esta verdade apparece nesse tom melancolico que transpira no Uruguay. Não podemos deixar de transcrever estes quatro versos com que finalisa o poeta o episodio da desditosa Indiana:

Inda conserva o palido semblante
Um não sei que de magoado e triste
Que os corações mais duros enternece.
Tanto era bella no seu rosto a morte!
.....

O Uruguay de José Basilio da Gama, diz o visconde de Almeida Garret, é o moderno poema que mais merito tem na minha opinião. Os brasileiros principalmente lhe devem a melhor corôa de sua poesia que nelle é verdadeiramente nacional e legitima americana. E' um juizo que nós honra.

O Uruguay é um dos mais brilhantes florões de nossa corôa Litteraria, e o Brazil deve orgulhar-se de ter sido o berço de seu auctor. E pois, gloria ao filho illustre da terra de Santa Cruz! Seja este o brado generoso da geração actual.

S. Paulo—Fevereiro 1861.

C. T. Flores.

Esboço historico-litterario sobre a Provincia de Minas-Geraes.

(Continuação do n. 10)

III.

Depois que a fortuna concedeu a Pedro Alvares Cabral a gloria de descobridor do Brasil um novo campo appareceu para as explorações e conquistas dos Portuguezes; a terra de Santa Cruz era um novo theatro para suas façanhas.

Preoccupados porém a principio com as expedições para a Africa e para o Oriente elles nem uma importancia ligarão a esta descoberta; a morosidade com

que tratarão de explorar o territorio, e o destino que lhe derão de presidio para criminosos são outras tantas provas do pouco apreço em que a tinham. Mas desde logo o páo *brazil* offerece um genero de grande importancia para o commercio; então quasi todas as atenções nelle se prenderão, e grande numero de barcos são affastados á navegação das Indias e d' Africa a fim de procurar carregamento n' America. O segredo porém não poudo por muito tempo ser guardado entre os nacionaes, e os estrangeiros surdem nas praias brasileiras, principalmente os Francezes que procurão logo destruir as pequenas feitorias que já então se haviam estabelecido ao longo das costas.

Este facto começou a incutir sérios terrores no governo portuguez, e o melhor meio que elle encontrou para defender e povoar sua colonia foi dividil-a em secções que denominava Capitania, e cuja administração era confiada á aquelles que d'entre a nobiliarchia portugueza gosavão de maiores considerações, já por seus serviços, já por suas fortunas, condição essencial para esta empresa.

Para conseguir pois este duplo fim que tinha em vista o governo portuguez fraccionou todo o territorio sobre que se estendia o seu dominio, em doze partes, fazendo doação dellas a doze individuos a quem concedeu poderes illimitados na administração, no civil e no crime, só rezervando para si um tributo annual que cada um delles lhe pagava. Destas Capitania apenas prosperarão seis, entre as quaes deve-se mencionar as de S. Vicente, Espirito Sancto e Porto Seguro que progredirão consideravelmente, e das quaes partirão os primeiros habitantes de Minas Geraes como veremos.

Pouco mais ou menos pelo anno de 1560, sendo Luiz de Britto e Almeida governador geral do Brasil, cuja administração tinha já nessa epocha o elemento central, teve lugar a primeira exploração feita a terra das minas, com o fim de descobrir esmeraldas e saphiras, pedras então de grande valor pelo apreço em que as tinham os Hespanhóes, que ao norte as haviam descoberto. Teve ella por chefe a Sebastião Fernandes Tourinho que ven-

cendo incríveis fadigas conseguiu em sua volta levar algumas amostras da preciosidade que buscava.

Algun tempo depois Antonio Dias Adorno, como chefe de uma outra expedição partia de Porto-Seguro como seu antecessor. Alem d'estas ainda outras forão feitas posteriormente que muito concorrerão para mais tarde facilitar as descobertas que se fizerão nesta rica parte da colonia.

Pela mesma epocha partia de S. Paulo Fernão Dias Paes acompanhado de grande numero de escravos e pessoas livres com o fim de explorar as minas; mas sua avançada idade fez com que elle não podesse conseguir o fim a que se propunha senão em parte; morreu antes que tivesse concluido sua viagem. Todavia á elle se deve diversos estabelecimentos agricolas fundados em Minas, e grande parte do conhecimento topographico da provincia n'aquella epocha.

Depois de Fernão Dias diversas caravanas partirão de S. Paulo com o mesmo destino e uma dellas tendo a sua frente Antonio Rodrigues Arsão foi a primeira que conseguiu uma pequena quantidade de ouro, que n'essa epocha já era o alvo de todas as ambições, pelas noticias fabulosas das riquezas do Perú e pelas vagas indicações que fazião os selvagens. Em 1693 este chefe patenteou na Capitania do Espirito-Santo duas oitavas de ouro.

A datar d'esta descohera multiplicarão-se as expedições á Minas, já de S. Paulo, já do Porto-Seguro, já finalmente das outras Capitancias circum-visitadas e ião cruzar-se no interior encontrando-se inesperadamente em diversos pontos. Fundarão-se varios estabelecimentos no rio das Mortes, rio das Velhas, Itaverava, Caitè etc.; a civilisação ia conquistando o deserto, mas infelizmente como sempre soe acontecer ia acompanhada da corrupção dos costumes da maior parte daquelles que a conduzião, e sobre tudo da desregulada cubiça, causa de tantos males cujas consequencias ainda hoje pesão sobre os Mineiros.

Em 1709 tendo a população de Minas augmentado-se consideravelmente uma dissensão appareceu entre os habitantes

que se fraccionarão em dous partidos; á um que se compunha de Paulistas denominavão dos *imboabas*, e a outro que se compunha de Portuguezes chamavão, dos *forasteiros*. A principal causa d'esta pequena desavença foi o odio que já então existia entre os Portuguezes e os filhos da colonia, aos quaes querião elles ser superiores; e teve por causa occasional, rivalidades procedentes do direito de precedencia nas descobertas de Minas que ambos se arrogavão. Por diversas vezes travarão combate os dous partidos fazendo-se sempre notavel a malvadez dos Portuguezes, cujo chefe, Manoel Nunes Viana, não passava de um aventureiro de máos costumes. Levarão sua cobardia e infamia ao ultimo extremo, coroando suas façanhas com a célebre traição dorio das Mortes: nesse lugar, cujo nome ainda commemora a luctuosa scena de que foi testemunha, elles aproveitando-se de um descuido dos Paulistas cercarão-os em um capão de matto, onde caçavão deslembados no perigo em que se achavão; rendendo as armas com a promessa de lhes conservarem as vidas, forão miseravelmente atraçoados, degolando-se a todos sem excepção das mulheres e das crianças.

E' do nosso dever fazer aqui lembrado o procedimento heroico das Paulistas; tendo sabido pelos que se haviam retirado de Minas da derrota e traição que haviam soffrido seus patricios, obrigarão-os a voltar com reforço, e recordando as glorias da antiga Roma, as mães armavão seus filhos e as esposas seus maridos para obrigar-os a vingar a offensa de seus compatriotas, promettendo não recebel-os senão trouxessem os louros da victoria. Nem por isso elles forão mais felizes, tiveram a lamentar nova derrota, porque então já se achava a Provincia quasi pacificada e com um reflexo de governo.

Continúa.

POESIA.

A' uma noiva.

Forão-se os dias em que a chamma fervida
As nossas almas n'um só nó prendeu ;
Rolou o tempo dos sonhos rapido
O tempo o elo desse amor rompeo !
Vi alva a estrella da esperança fulgida
Vagar incerta, vascillar, morrer !
Hoje está morta, nem seus raios lividos
O morto peito me farão viver !

Tu a mataste seductora e barbara
E a pobre estrella sem brilhar ficou ;
Teu véo de noiva foi o manto pallido
Que á face d'ella tua mão lançou.
Vê como bate n'este peito gelido
Negra pancada o coração de dor ;
Não lhe responde com ternuras lubricas
O teu que ao triste já não vota amor.

Sonhei-te pura quando á face candida
Subia o pejo do infantil receio ;
Sonhei-te bella, de belleza angelica,
Sonhei-te inoxio de pureza o seio.
Mas hoje sombra de pungente duvida
Me cobre a mente de funesto horror,
E o céo de gozos que eu sonhára limpido
Me incobrem nuvens de funerea cor.

Olha esta fronte que descahe-me languida
-Como de magoas e de dor pendeo ;
No olhar sombrio que retrata o sceptico
Vê os martyrios d'este peito meu !
Tudo morreu-me ! No tormento lugubre
Só tenho prantos ! a chorar bem vês
Que a dor aguda, que o viver augmenta-me
Vai pouco a pouco me abatendo a tez.

Mas não importa ! no gelado marmore
Que guarda os restos da febril paixão,
Não deites prantos, não derrames lagrimas
Que aos restos frios o calor não dão !
Ai ! não que o pranto nas tuas faces vividas
Crestão as rosas virginaes, gentis,
Guarda-as são delle, do teu noivo que ama-te
Em cujo seio viverás feliz.

Não te recordas d'essa linda estancia,
Que a nossa infancia de prazer cercou ?
Não te recordas d'esses sitios qu'ridos,
Lugares fidos que o teu peito amou ?
Fomos crescendo na gentil soedade
E da amizade nós brotou o amor ;
Timida e rubra quando então me olhavas
Quanto incantavas no subtil rubor !

Quando entre as matas alvejava a lua
Na espada nua que a beijar ardi,
N'esse deliquio de insancivel goso
Não sei, ditoso como não morri !
Que noite aquella de ternura e medo !
Tremulo e quedo nem fallar podia !
Quando estreitava contra o meu teu seio
Que mago inleio nos teos olhos lia !..

Tudo era sonho de prazer, doçura,
Tudo ventura n'esse tempo então ;
Phantasma hoje, sombras vans, errantes
Que aos sonhos de antes o calor não dão.
Sonhos, venturas, esperança, amores,
Risonhas flores onde existem já ?
Tudo mataste com a mão de ferro
A' quem um erro p'ra as perder não ha !..

Mas não! não chores!... Quando em frio tumulo
Livre das dores eu ahí jazer,
Essa grinalda de tua fronte tepida
A cruz do morto vac então prender ;
E diga a lousa : «Foi poeta, credulo
« Prendeo-se a ella na febril paixão,
« Ella era a noiva—o infeliz foi victima,
« Victima triste da mais vil traição ! »

F. Quirino dos Santos.

Erros mais notaveis do n.º 10.

Pag. 149, 2.ª col., lin. 31, Plamplona, lêa-se Pamplona — pag. 157, col. 2.ª, lin. 5, q', lêa-se que — dita pag. e col., lin. 31, essas essas, deve lêr-se essas — dita pag. e col., lin. 52, e guiados, deve lêr-se guiados — pag. 158, col. 1.ª, lin. 19, alterias, lêa-se arterias — dita pag., 2.ª col., lin. 1, dnradora, lêa-se duradora — dita pag. e col., lin. 37, seculo 17, deve lêr-se seculo 16 — dita pag. e col., lin. 40, 1792, lêa-se 1789 — pag. 159, col. 2.ª, lin. 35, Guyanazes, deve lêr-se Guayanazes — dita pag. e col., lin. 40, rodor, lêa-se redor — pag. 160, col. 1.ª, lin. 5, socturno, lêa-se nocturno — dita pag. e col., lin. 7, nocturno, lêa-se soturno.

COMMISSÃO DE REDACÇÃO.

Os Srs.

Francisco Quirino dos Santos.
Carlos Thompson Flores
João Carlos de Araujo Moreira.
Antonio Carlos Ribeiro de Andrada.
Antonio José Gonsalves Bastos Junior.
Ignacio Manoel Alvares d'Azevedo.